

PROF. KELLER DISSE SIM...

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI

MARIA BEATRIZ B. P. MADI

Instituto de Análise de Comportamento Campinas - SP

Talvez, o Prof. Keller tenha ficado tão surpreso com nosso segundo telefonema como ficou com o primeiro. Afinal, ele foi bastante claro e incisivo na sua resposta ao nosso primeiro contato: “Amo muito o Brasil, adoraria rever meus queridos amigos brasileiros, mas estou muito velho para uma viagem tão longa, afinal já completei 95 anos... Além disso, não tenho nada de novo para dizer para vocês!”.

Dissemos que voltaríamos a ligar. Afinal, o convite o havia apanhado de surpresa e, quem sabe, pensando um pouco mais tranquilamente pudesse rever sua posição e aceitar vir. Insistimos que não havia necessidade de preparar um novo texto para apresentar. Poderia trazer algum que estivesse pronto. O mais importante era a sua presença. “Dentro de três semanas voltaremos a ligar”, dissemos. Mas, parece que ele não acreditou que faríamos isso.

Sua resposta ao segundo chamado foi na essência a mesma, porém menos enfática. Ponderou que teria que conseguir a companhia de alguém para viajar, uma vez que Da. Frances, com algumas dificuldades familiares, possivelmente não poderia vir com ele desta vez. “Afinal”, disse ele, “quando somos novos não nos deixam sair sem autorização. Descobri que quando somos mais velhos passam a agir da mesma maneira com a gente”. Acenou, porém, com uma esperança quando disse: “Vou ver se alguém poderá me acompanhar.”

Ligamos três semanas depois. “A pessoa que teria possibilidade de acompanhar não pôde aceitar meu pedido”, disse. “Da. Frances e eu analisamos detalhadamente as nossas condições físicas e... bem, ela concordou em me acompanhar. Pode dizer aos nossos amigos que iremos. A resposta é sim!” Ele fez uma breve pausa, interrompido pela nossa reação à tão esperada aceitação, e continuou: “Acho que já sei o que tenho para lhes dizer. Comecei a preparação do meu “paper”, mas não poderei mandá-lo com antecedência. Só estará pronto para o Encontro”.

Nosso convite ao Prof. Keller teve razões históricas e afetivas. As afetivas são óbvias. Todos que conviveram com ele vibraram com a notícia. Alguns, paradoxalmente, comentaram que estávamos sendo imprudentes, trazendo-o em idade tão avançada... Era uma advertência feita por amor ao Prof. Keller, por querê-lo ver bem, mesmo que isso custasse não encontrá-lo pessoalmente aqui entre nós. Jamais entendemos esses comentários como censura...

O argumento histórico envolveu o reconhecimento de que foi o Prof. Keller quem nos colocou em contato com a Análise Experimental do Comportamento e, graças às suas características pessoais, a tornou uma proposta amplamente aceita entre todos que tiveram contato com ele. É difícil dizer se de início nos envolvemos com a *análise do*

comportamento ou com *aquilo* que o Prof. Keller trouxe. A distinção sutil, talvez, nunca possa vir a ser esclarecida, mas poucos ousarão negar que a personalidade especial do Prof. Keller iluminou o corpo conceitual e o modelo experimental que ele introduziu na USP no início da década de 60. E, seria justo reconhecer que a ABPMC, embora com perfil próprio expresso nos Encontros anuais, teve sua concepção original na bagagem do Prof. Keller.

No sábado à tarde, 24 de setembro, poucos poderiam prever o desfecho da apresentação do Prof. Keller, mesmo aqueles que o conheciam bem. Foi comovente ouvi-lo expressar sua crença na possibilidade de atuarmos ativamente para melhorar nosso mundo e nossa vida. Também foi tocante constatar sua convicção sobre a importância de construir um ser humano mais feliz, usando como instrumentos: a promoção do potencial de cada um, o reconhecimento honesto das capacidades de cada indivíduo - desde as menores - e a cooperação como forma de convivência. Aliás, sua vida foi dedicada a criar uma proposta educacional e de desenvolvimento humano possível, compatível com seus ideais. Seu artigo testemunha o que estamos afirmando. O Prof. Keller espalhou moléculas de trabalho com amor no fértil celeiro humano, visando construir uma utopia possível.

Antes da partida ouvimos o Prof. Keller comentando com Da. Frances que há muitos anos nada tão maravilhoso e afetivo tinha ocorrido com eles. “Nunca pude imaginar um reencontro tão especial, num momento em que não mais esperava sair de Chapell Hill além de umas poucas milhas”, disse. “Agradeço a oportunidade”, acrescentou, “sinto que, afinal, pude completar uma missão que havia iniciado há muitos anos.” Seu artigo, com desfecho comovente, esclarece a profundidade dessa frase.